

A JUVENILIZAÇÃO E A MATURIDADE NA EDUCAÇÃO DE JOVENS E ADULTOS: UM DEBATE NECESSÁRIO NO ATUAL CONTEXTO

JUVENILIZATION AND MATURITY IN YOUTH AND ADULT EDUCATION – A NECESSARY DEBATE IN THE CURRENT CONTEXT

RESUMO

O presente artigo tem como objetivo evidenciar nas discussões sobre a Educação de Jovens e Adultos um fenômeno relacionado a intergeracionalidade dos sujeitos que a constituem, referente presença cada vez mais crescente de jovens e por outro lado a busca de pessoas idosas nos espaços escolares. A este processo denominamos aqui de juvenilização e maturidade da Educação de Jovens e Adultos como forma de delimitar a discussão e facilitar a compreensão do fenômeno. Para esta temática buscamos os estudos freirianos como resultantes de experiências concretas que fundamentaram as lutas por uma educação pública para todos e todas, enquanto direito inalienável, garantidos na Constituição Federal de 1988; na LDB 9394/96 e nas demais políticas públicas conquistadas ao longo das lutas dos movimentos populares. Haddad (2011); Arroyo (2008) entre outros. A metodologia da pesquisa é qualitativa e refere-se a estudo bibliográfico, visto o caráter inicial da pesquisa a partir do levantamento de material teórico. Assim defende-se no texto que a pessoa idosa passa a garantir formalmente o seu direito a frequentar a escola em qualquer tempo.

Palavras-chave: Direitos. Políticas públicas. Pessoa idosa.

ABSTRACT

This article aims to highlight in the discussions about Youth and Adult Education a phenomenon related to the intergenerationality of the subjects who constitute it, referring to the increasing presence of young people and on the other hand the search for elderly people in school spaces. To this process we call here the juvenilization and maturity of Youth and Adult Education as a way to delimit the discussion and facilitate the understanding of the phenomenon. For this theme, we seek freirian studies as the result of concrete experiences that underpinned the struggles for public education for all and all, as an inalienable right, guaranteed in the Federal Constitution of 1988; in LDB 9394/96 and in other public policies conquered throughout the struggles of popular movements. Haddad (2011); Arroyo (2008) among others. The research methodology refers to a bibliographic study, given the initial nature of the research from the survey of theoretical material. Thus, it is advocated in the text that the old person begins to formally guarantee his/her right to attend school at any time.

Keywords: Rights. Public policy. Old person.

Sara Ingrid Borba
Universidade Federal da
Paraíba
ingridsara80@gmail.com
ORCID: 0000-0001-9224-
7489

Introdução

Este artigo versa sobre breves reflexões críticas de cunho teórico, relacionado a Educação de Jovens e Adultos (EJA), as quais aponta o objetivo voltado a um olhar específico sobre o fenômeno da diversidade geracional na EJA, na presença de pessoas jovens em convivência com pessoas idosas, os quais representam segmentos sociais historicamente excluídos, portanto, enquanto alunos concretos de uma realidade concreta, não são os tão sonhados estudantes. São como os apresenta Arroyo (2017) em “Passageiros da noite”, os sujeitos da EJA.

A EJA e seus jovens-adultos participam da tensa negação do reconhecimento dos pobres, negros, indígenas, mulheres, trabalhadores empobrecidos como sujeitos de direitos. Sujeito não só de direito à escola, à educação, ao conhecimento, a cultura, mas de negação mais radical do reconhecimento como humanos, isto é, como não sujeitos de direitos humanos ARROYO (2017, p. 106).

São inúmeras as formas de negação desses sujeitos em nossa sociedade, como se não bastasse sua condição de vida, torna-se projeto social desumanizante como a falta de direitos. É inegável encontrar, nos espaços escolares, a presença de pessoas muito jovens e também de pessoas idosas no contexto da Educação de Jovens e Adultos, vivenciando o seu direito de estar na escola.

Evidenciam-se neste estudo dois fatores importantes a serem discutidos: o primeiro é o crescente número de jovens nesta modalidade de ensino, empurrados pelas exigências legais do ensino regular, podendo está relacionado ao fracasso da escola e seus processos educativos neste período, bem como a realidade dos sujeitos da EJA; o segundo é a presença da pessoa idosa que sempre marcaram presença nos espaços escolares, seja ao que se refere ao ensino fundamental, ensino médio e ainda no ensino superior realidade pouco vivenciada, no atual contexto em que a universidade é para alguns e neste grupo não parece contemplar as pessoas idosas.

O primeiro fator pode revelar o processo de exclusão refletindo a ausência da educação, capaz de garantir sucesso ao sujeito jovem que frequenta a escola, mas por algum motivo foi reprovando, evadindo e ficando fora de faixa etária, entre outros fatores sociais, culturais e econômicos confrontando com a necessidade de trabalho e a urgência em concluir são empurrados ao ensino noturno. O segundo fator pode ser entendido como

uma possibilidade de reparo, neste caso, das consequências da exclusão daquelas pessoas que foram impedidas de frequentar a escola quando crianças e jovens, bem como também se relaciona a fatores sociais e culturais. Ambos são resultados da exclusão e, portanto, refere-se à negação do direito à educação, à escola.

Os sujeitos da EJA e as políticas públicas enquanto garantias de direitos

A educação de Jovens e Adultos é uma modalidade de ensino vale salientar, com identidade própria e sujeitos específicos. Neste sentido, destaca-se a Lei nº 13.632 de 6 de março de 2018, que alterou o Art. 37 da LDB (9394/96), afirma que “A educação de jovens e adultos será destinada àqueles que não tiveram acesso ou continuidade de estudos nos ensinos fundamental e médio na idade própria e constituirá instrumento para a educação e a aprendizagem ao longo da vida.” Quando a lei apresenta essa proposição ao longo da vida formaliza também, o direito a pessoa idosa de ter acesso à educação, destacando a importância do enfrentamento a negação de direitos, bem como retirada deste. A aprendizagem ao longo da Vida fortalece o direito a educação à pessoa jovem e a idosa, pois se entende que,

a aprendizagem é constituída em um processo continuum e se estende também às necessidades não só dos adultos, mas também dos idosos. Estamos convencidos de que a aprendizagem ao longo da vida é que tem baseado as grandes discussões e o amparo legal da Educação de Pessoas Jovens e Adultas nos últimos tempos, por isso ser tão relevante nesse contexto (PEREIRA, 2016, p. 59).

Garantir o direito aos sujeitos da EJA, inclusive da pessoa idosa é uma premissa básica à cidadania a qual pressupõe participação, equidade, autonomia e que deve existir em uma sociedade pautada em valores éticos e morais.

Outro fator determinante também apontado, é conhecer os sujeitos da Educação de jovens e Adultos. Segundo o Parecer CNE/CEB nº 15/98, têm um perfil a ser considerado cuja caracterização se estende também aos postulantes do ensino fundamental: são adultos ou jovens adultos, via de regra mais pobres e com vida escolar mais acidentada. Estudantes que aspiram a trabalhar, trabalhadores que precisam estudar numa crescente heterogeneidade pela incorporação de jovens adultos originários de grupos sociais diversos. São sujeitos (homens e mulheres) de direitos; Jovens acima de 15 anos e pessoas

adultas vivendo a maturidade em sua maioria são mulheres e a presença marcante de pessoas idosas (contexto atual) que tem o direito à escola garantido por lei, como consta no Estatuto do Idoso (2003): “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.”

Estes idosos pertencem a grupos sociais específicos, são diferenciados das crianças, são sujeitos produtores de cultura, com experiências de vida diversificadas, possuem objetivos intenções determinantes e sua relação com o trabalho é uma tônica importante. E em nossa sociedade a cor, classe social e gênero determinam os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e também Idosos da educação, normalmente da escola noturna. São ainda sujeitos de direitos e a educação é um direito subjetivo e inalienável.

Pessoa jovens na Educação de Jovens e Adultos

A presença da diversidade geracional na EJA que normalmente apresentam um histórico de experiências pouco exitosas na escola regular e que nem sempre encontram na escola de EJA as condições pedagógicas adequadas para o desenvolvimento de um trabalho que atenda às suas demandas (CARRANO, 2007).

Os últimos três anos será lembrado como um dos períodos mais difíceis para a Educação Básica do Brasil, os problemas de uma pandemia mundial se aliaram à problemas já existentes de evasão, problemas de aprendizagem, repetência comuns principalmente na EJA, acumularam-se a escassez de recursos tecnológicos e falta de condições de conexões para estudantes e profissionais da educação. Pode-se observar que Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua – Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC), do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE, 2020), cujos dados se referem aos três últimos meses de 2018, apontaram que uma em cada quatro pessoas no Brasil não tem acesso à internet, o que representa cerca de 46 milhões de brasileiros.

Além de dificuldades em utilizar os recursos, o excesso de informações e formatos variados de estratégias metodológicas, impostas na tentativa de compensar o prejuízo escolar e as capacitações da equipe docente sob as novas dinâmicas curriculares que passaram a ser cobrados em meio ao caos pandêmico, resultando no adoecimento dos

educadores e pouco resultado na aprendizagem dos estudantes, prevalecendo o prejuízo escolar, intensificado na realidade da EJA.

Resgatar esses jovens de volta à escola foi o grande desafio, muitos tiveram que buscar trabalho, devido a queda na renda familiar, mais desempregados restando empregos informais, no comércio, as meninas se voltaram para as mesmas atividades ou assumir os cuidados dos irmãos e da casa para os parentes mais velhos saírem em busca de ocupação rentável, alguns haviam mudado de residência, frente à crise passaram a morar na casa de avós. A vulnerabilidade social tornou-se cada vez mais um dado crescente no contexto dessas famílias, comprometendo de forma severa o processo ensino aprendizagem, agravaram os dados referente aos não alfabetizados e reforçaram o atraso escolar.

Os dados obtidos no PNAD (2019) mostram que cerca de 11 milhões de pessoas, com 15 anos ou mais, não-alfabetizadas no Brasil, representam 6,6% da população nesta faixa etária. Entre as pessoas pretas ou pardas (8,9%), a taxa de analfabetismo é mais que o dobro da observada entre as pessoas brancas (3,6%). Tais dados confirmam que os processos de exclusão se acentuam dependendo da classe social e econômica das pessoas, reafirmando as marcas históricas de marginalização, negação e finalmente a exclusão, verificada durante a pandemia pela falta de atenção devida a EJA, bem como a frágil referência nas políticas curriculares nacionais, geradora de muitos debates e polêmicas.

De acordo com o Parecer 06/2010, Art. 5º, obedecido o disposto no artigo 4º, incisos I e VII, da Lei nº 9.394/96 (LDB) e a regra da prioridade para o atendimento da escolarização obrigatória, será considerada idade mínima para os cursos de EJA e para a realização de exames de conclusão de EJA do Ensino Fundamental a de 15 (quinze) anos completos. Art. 6º Observado o disposto no artigo 4º, inciso VII, da Lei nº 9.394/96, a idade mínima para matrícula em cursos de EJA de Ensino Médio e inscrição e realização de exames de conclusão de EJA do Ensino Médio é 18 (dezoito) anos completos, portanto há um respaldo legal para a presença desses jovens na EJA, determinando a necessidade de processos educativos que possibilitem o respeito à diversidade cultural e principalmente a diversidade etária.

O convívio entre jovens e idosos pode ser uma experiência enriquecedora para ambos tanto nos aspectos culturais, como nas experiências de vida e na partilha de conhecimentos, pois acreditamos que: "A diversidade de olhares nascida das diferentes

experiências vividas pelos alunos contribui fazendo crescer as possibilidades de compreender o que está sendo estudado” (BRASÍLIA, 2006, cad. V. p. 53).

A realidade dos estudantes da EJA, tanto as pessoas jovens quanto as pessoas idosas, estão inseridos num contexto diversificado, as variadas formas de vidas desses sujeitos compõem a caracterização da EJA, promovendo uma reflexão crítica sobre o quê, como e por que ensinar; considerando que deve aliar o currículo e a prática pedagógica a realidade de pessoas de diferentes idades, o mais jovem com percepção de mundo e de vida distante das perspectivas dos mais idosos, nessa compreensão é possível entender que, além de lidar com a heterogeneidade da turma precisa pensar o currículo e as especificidades de cada estudante.

Pessoa idosa na Educação de Jovens e Adultos

Homens e mulheres na Educação de Jovens e Adultos (EJA) convivem independentemente da idade, mas as presenças marcantes são de pessoas idosas (contexto atual) garantidos por lei, reconhecemos o segmento etário de idosos no contexto da EJA como exemplo o Estatuto do Idoso (2003): “O idoso tem direito à educação, cultura, esporte, lazer, diversões, espetáculos, produtos e serviços que respeitem sua peculiar condição de idade.” Pertencem a grupos sociais específicos, são diferenciados das crianças, são sujeitos produtores de cultura, com experiências de vida diversificadas, possuem objetivos intencões determinantes e sua relação com o trabalho é uma tônica importante. E em nossa sociedade a cor, classe social e gênero determinam os sujeitos da Educação de Jovens e Adultos e também Idosos da educação, normalmente da escola noturna. São ainda sujeitos de direitos e a educação é um direito subjetivo e inalienável, podendo dele se beneficiar, independentemente da idade.

A pessoa idosa na EJA demarca um tempo e espaço, persistência de sua existência na escola, passível de possibilidades, sonhos e esperanças que se revelam em suas histórias de vida contadas em seu cotidiano escolar, partilhada com os demais que se solidarizam por perceberem que o enredo de cada história narrada, revelam um fio que costura todas as outras narrativas que culminam por redirecionar a uma reflexão de mundo na perspectiva da reconstrução para melhores condições de vida. Pensar de forma

racional sobre a condição de cada um, é no mínimo uma forma fenomenológica de viver e sentir o mundo, revelando seus mistérios e buscando uma razão para compreendê-lo.

Destaca-se também a presença da pessoa idosa na EJA, a qual devido a esta diversidade geracional, ao mesmo tempo que ficou mais jovem amadureceu. Este conflito geracional precisa ser analisado, pesquisado e compreendido como consequência das condições sociais e culturais da sociedade, não podendo ser ignoradas, pois estas gerações de sujeitos com suas diversidades devem ser acolhidos e precisam ser visto como realidade.

Arroyo (2007, p. 07) diz: “a EJA tende ser uma modalidade de educação para sujeitos concretos, em contextos concretos, com histórias concretas, com configurações concretas”. Necessita ações de efetivação de políticas públicas, comprometimento político, pedagógico, respeito as diversidades dos sujeitos em seu contexto, reconhecer e respeitar os sujeitos da EJA, enquanto sujeitos de direitos, concretos, estando no mundo para construí-lo e nele se reconstruir.

Procedimento metodológico

As pesquisas qualitativas apresentam várias possibilidades de realização, contribuindo com às várias ciências na elucidação das problemáticas em nosso cotidiano. Neste estudo adentrou-se na pesquisa realizada a partir de uma base de fundamentação teórica como forma de pesquisa bibliográfica e exploratória, de abordagem qualitativa de natureza interdisciplinar (CRESWELL, 2010). Neste sentido o objetivo esteve em ressaltar a discussão sobre a juvenilização no contexto da Educação de Jovens e Adultos (EJA)

A escola, lócus da pesquisa está situada na cidade litorânea de Alagoas, possui em torno de setecentos estudantes, destes apenas cem matriculados na EJA, e por volta de sessenta frequentam as aulas não apresentamos os dados exatos devido a constante entrada e saída de alunos, comprovando mais uma das características desta modalidade de ensino, a qual funciona por períodos letivos equivalente a um semestre, funcionando no turno noturno. Possui uma turma para cada período, desde o 5º ao 10º período.

A utilização da escola como âmbito de pesquisa se deu pelo interesse em verificar a abordagem pedagógica de acolhida aos estudantes da EJA, esta escola atende a demanda

de jovens e idosos, considerando sua diversidade etária e cultural. Para isto tomou-se como instrumento de pesquisa a técnica da observação.

Observou-se o planejamento das atividades e a concretização dos primeiros três dias letivos de atividades junto aos estudantes, justificando a escolha do encaminhamento.

A técnica de observação participante se realiza através do contato direto do pesquisador com o fenômeno observado para obter informações sobre a realidade dos atores sociais em seus próprios contextos. O observador, enquanto parte do contexto de observação, estabelece uma relação face a face com os observados (MINAYO, 2001, p. 53).

A observação foi importante para a coleta de dados como também foi realizada a análise da proposta da primeira semana de atividades apresentada no e aos poucos foi sendo elaborado um bom material com informações. Ver Figura 01. Também foi possível analisar a proposta da primeira semana de aula na EJA.

Resultado e discussões: A escola como um dos espaços educativos da EJA

As atividades de planejamento são pensadas em reunião e planejadas antes do início do período letivo, registra-se pela coordenação pedagógica os temas foram escolhidos pelos professores e trazem de base objetiva a motivação, o incentivo e a valorização da auto estima. Uma tônica pertinente visto que a motivação promove condições favoráveis à aprendizagem e isso pode corroborar para o sentimento de pertencimento a um grupo, abrindo possibilidades do diálogo entre mestres, adolescentes, jovens e adultos sobre o seu estar no mundo e que pertencemos a um grupo.

A consciência do seu lugar social-espacial é forte em suas identidades de trabalhadores. Chegam às escolas públicas e à EJA desses percursos não só espaciais, mais humanos desumanos. Melhor, chegam com as possibilidades e limites que as relações de trabalho e espaço do viver lhes permitem para construir suas autoimagens positivas (ARROYO, 2017, p.38).

Os alunos não apresentam dificuldades em se envolver na escuta e no canto de músicas, palestras, vídeo e produção nas variadas linguagens. Apresentam timidez, mas à medida que são recebidos, recepcionados pelos professores envolvem-se no trabalho, realizado na primeira semana de aula com música, dinâmica de grupo, palestra sobre a

EJA e ainda sobre LIBRAS; nesta semana que se iniciam as aulas, a refeição que é servida cotidianamente é mais caprichada, também é diferenciada, compondo um conjunto de ações positivas para o acolhimento dos jovens e idosos que se envolveram no processo.

Compreende-se que tanto professores como equipe gestora, apresentaram uma sensibilidade ao atendimento à diversidade da escola, além de Jovens e idosos encontram-se também um número significativo de pessoas com deficiências, mas com acompanhamento de um cuidador (outros termos utilizados podem ser auxiliar pedagógico, assistente de sala etc), refere-se a pessoa que acompanha as atividades no intuito apoio específico.

O evento nas três noites (ver quadro 1) apresentou a participação dos sujeitos da EJA, inclusive duas alunas idosas tomaram a iniciativa de falar o quanto foi importante para elas e que os jovens deveriam aproveitar e se dedicar para não passar o que elas passaram. Disse uma delas: “viver no mundo sem saber ler é tudo mais difícil”.

Quadro 1. Programação – 1ª semana de aula

DATA	ATIVIDADE	DESENVOLVIMENTO
08 a 12 de agosto		1ª SEMANA DE AULA
08 Segunda-feira	Recepção aos alunos Dinâmica em sala pelos Professores do dia	Recepção Organizar a entrada com tapete vermelho; fala da direção; música; apresentação dos professores e do funcionamento da escola. Em sala Abertura - fala de abertura gestão Apresentação da equipe, das normas da escola, temática da semana Painel na entrada com Exposição das imagens do período de 2022.1 Música: Viva a Vida - Felipe Duran Intervalo 2º momento Mapa de empatia Pergunta de partida: O que me trouxe a escola? O que esperamos da escola? (identificar e ajudar a quem não tem encontrado a resposta)
09 terça-feira	Recepção aos alunos Dinâmica em sala pelos Professores do dia	Recepção Organizar a entrada com tapete vermelho; apresentar o tema: EJAI! - Vídeo debate motivacional: “Música” Intervalo Em sala Retorno à sala – cada prof. Precisa explorar a temática de forma didática, lúdica, criativa. Pergunta de partida - O que transmitimos uns aos outros?
10 Quarta- feira	Recepção aos alunos Dinâmica em sala pelos Professores do dia	Recepção Recepção com a música: Viva a Vida - Felipe Duran Drogas – Palestra com o PROED (psicólogo – e outro profissional) uso indevido (Álcool – remédios – drogas) Intervalo Em sala Pergunta de partida: De que modo posso viver me organizar para viver melhor?

Fonte: Material coletado na escola com a programação básica para a 1ª semana de aula

O que analisar neste evento de abertura de aulas? Destacar a importância de que todos fazem parte da escola, que a diferença de idades nos enriquece enquanto indivíduos, pois é importante entender que somos sujeitos de direitos e que ninguém está no mesmo patamar de condições de aprendizagens. A luta desses sujeitos pela educação é secundária e muitas vezes não é prioridade, pois o trabalho é tendenciado como complementar ou até mesmo direcionando as práticas didático-pedagógicas de modo infantilizado.

São vastos os estudos sobre EJA, mas toda perspectiva é importante por possibilitar o desvelar da realidade sobre outro prisma e, na busca por abordar a temática amparou-se os estudos nesta área, servindo para embasar a discussão arrolada neste texto,

Quando o ano letivo se aproxima tem-se logo de início em muitas, se não todas escolas, a formação, capacitação dos professores nas redes de ensino ou nas escolas. Neste momento são discutidos temas aspectos centrais para melhorar os trabalhos que se iniciam. Após um período pandêmico em que as preocupações eram educar no isolamento ou apesar dele. Destituindo da fala este tema fatídico, descreve-se a seguir o planejamento realizado para a retomada das atividades pedagógicas.

Durante o encontro de professores baseado na pauta geral de “acolhimento e resgate dos estudantes após a pandemia”. Foi tomado como ponto uma avaliação do processo anterior. A EJA nasce das ruas, dos movimentos populares e da luta por mudanças em oposição à opressão, o que não nos permite admitir que a escola é o seu espaço vital, portanto é importante a leitura desta modalidade de ensino, institucionalmente legalizada e reconhecida nas políticas educacionais de educação nacional enquanto resultados desses movimentos de lutas.

Desta feita, é necessário que, ao pensar, pesquisar e atuar na EJA considerem-se seus sujeitos em um mundo com acontecimentos históricos, nos quais estão em constante processo de formação, considerando elementos culturais que neles interferem e através deles se reconstruam em experiências individuais e coletivas, mediante o mundo que vivem.

Essa afirmação evidencia que as aprendizagens não começam na escola, nos planejamentos para os estudantes, mas ao contrário, são os estudantes concretos, reais e suas histórias de vida que irão oferecer subsídios para as diretrizes escolares. Apesar da escola enquanto instituição social, fundamental para a formação do cidadão, Arroyo (2013) afirma que ela representa “disputada na correlação de forças sociais, políticas e

culturais”, dinâmico e tenso da sociedade envolvida em forças econômicas, políticas e culturais, demonstram sua importância e seu poder de transformação social se, em seus processos educativos entendermos que só se faz educação a partir da valorização do sujeito e sua história, ele é o fomentador do currículo que vai se dando no fazer educativo.

O currículo precisa trazer as problemáticas de sua vida, seu cotidiano com sentidos e significados, numa relação sujeito – mundo na busca por ser mais “que implica na ação e na reflexão dos homens sobre o mundo para transformá-lo” Freire (2005, p. 1977) e não em conformidade a ele. Não estamos no mundo para a conformação com as mazelas, exploração e desumanização das pessoas. E ainda como nos afirma Freire (1993)

É preciso e até urgente que a escola se vá tornando um espaço acolhedor e multiplicador de certos gostos democráticos como o de ouvir os outros, não por puro favor, mas por dever, o de respeitá-los, o da tolerância, o do acatamento às decisões tomadas pela maioria e que não falte, contudo o direito de quem diverge de exprimir sua contrariedade.

Precisamos de educadores corajosos que amem a escola e seus sujeitos, amem a vida, amem o outro e elaborem outra dinâmica em consonância com um fazer crítico, criativo, pautados na realidade porque nela estão inseridos, esperançosos, humanizados e porque estão vivos, dão sentido ao processo de aprender e ensinar com bases nos princípios de equidade em que o ato de ensinar se transforme numa ação político cultural.

Compreender a importância do papel da educação nessa fase da vida e atribuir a ela a importância de contribuir na determinação de uma velhice bem-sucedida é uma tarefa que compete a todos nós, pois ficar velho e experimentar essa fase da vida constitui uma tarefa recente e a sociedade ainda não lida como deveria com tal questão. PEREIRA (2016, p. 58)

Tais afirmações permitem e até força a reflexão de que a escola da EJA precisa considerar a pessoa jovem e a pessoa idosa em seu contexto, entendendo que esta realidade está intrínseca no ser escola, a sua diversidade. Atentando para que não se enverede para a criação de propostas de ensino e aprendizagem dos jovens em detrimento à pessoa idosa, todos precisam ser contemplados e não apenas esse ou aquele segmento etário.

É nesta perspectiva a preciso compreender que as aprendizagens construídas na EJA promovem a participação dos estudantes que tomam sua realidade como base de reflexão, tornando o ensino para além dos muros da escola e a aula pode acontecer em outros espaços, sem perder a sua identidade.

Segundo Zabala (1998, p. 18) “A aula é um conjunto de atividades ordenadas, estruturadas e articuladas para a realização de certos objetivos educacionais, que têm um princípio e um fim conhecidos tanto pelos professores como pelos alunos.” E ainda, A aula não é apenas o espaço físico, a sala de aula, mas o espaço das inter-relações, das intersubjetividades, da fala, da escuta; espaço de pensar, pensar sobre si e sobre o mundo, bem como na relação eu no/com o mundo.

Transformar a sala de aula da EJA num espaço de reflexão, de pensamento, nem sempre é uma tarefa fácil. Numa sociedade tão hierarquizada como a brasileira, nossos alunos e alunas, geralmente, desenvolvem as ocupações mais subalternas, nas quais o que mais se tem a fazer é obedecer a uma série de chefes, patrões, gerentes... Treinados a seguir orientações, não é de estranhar que ao chegarem à escola desejem encontrar atividades em que predominem a cópia, a repetição do que disse o(a) professor(a) e outras situações do mesmo tipo. Pensar e tomar decisões é bem diferente e dá muito trabalho, principalmente para quem tem pouco exercício dessa prática (BRASÍLIA, 2006, cad. I. p.13).

A aula pode acontecer em qualquer lugar onde se proponha a produção do saber mediada pela linguagem, portanto, aula não é característica única da escola, produzir saberes acontece para além do espaço escolar, consideremos. “Entretanto, como queremos formar cidadãos críticos e atuantes, não podemos esquecer que, provavelmente, a EJA é o único espaço na vida desses alunos onde a prática de pensar de forma organizada tem lugar” (BRASÍLIA, 2006, cad. I, p.13).

Enfim, entendemos que a presença de adolescentes na EJA, vem acompanhada de preocupações, o perfil diferenciado passa a exigir outra dinâmica em sala, mas entende-se que a sala de aula é atravessada pela dinâmica do meio em que vivem os estudantes, portanto não poderá ser ignorada ao elaborarem os currículos, práticas pedagógicas e projetos que contemplem às diversidades de sujeitos existentes, enfim pode fazer desse um projeto de formação humana com a participação de seus sujeitos.

Considerações finais

É necessário que a educação seja levada a sério por todos como um compromisso principal com os estudantes, principalmente àqueles que são da EJA. Ser da EJA não significa ser melhor ou pior, mas apenas ser sujeitos de direitos e que a escola que aí temos possa contribuir verdadeiramente para a mudança nas condições de ser e agir dos sujeitos.

Certamente a escola tem um papel diferenciado e abrangente e não pode se desvencilhar dele sob pena de negar e excluir cada vez mais os jovens e os idosos e idosas de nosso país. No entanto, pouco ou nada pode-se fazer se a pauta de direitos não for exigida. Não é esperar que façam, é exigir que se cumpra o que é devido a cada um e cada uma.

Referências

1. ARROYO, Miguel Gonzáles. **Currículo, território em disputa**. Petrópolis/RJ: Vozes, 2011.
2. CARRANO, Paulo. **Educação de Jovens e Adultos e Juventude: o desafio de compreender os sentidos da presença dos jovens na escola da "segunda chance"**. Disponível em: <<http://forumeja.org.br/go/files/Educa%C3%A7%C3%A3o%20de%20Jovens%20e%20Adultos%20e%20Juventude%20-%20Carrano.pdf>>. Acesso em: 20 fev. 2022.
3. BRASIL. Ministério da Educação. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**. Lei n. 9.394/96. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm>. Acesso em: 23 jan. 2023.
4. BRASIL. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais para o Ensino Médio**. Resolução CNE/CEB nº 3, de 26 de junho de 1998. Brasília, Diário Oficial [da] República Federativa do Brasil, 05 de agosto de 1998.
5. BRASIL. Ministério da Educação. **Documento Final da Conferência Nacional de Educação (Conae)**. Brasília, MEC, 2010. Disponível em <http://conae.mec.gov.br/images/stories/pdf/pdf/documentos/documento_final_sl.pdf>. Acesso em 23 jan. 2023.
6. BRASÍLIA. Ministério da Educação. SECADI. **Trabalhando com a Educação de Jovens e Adultos a sala de aula como espaço de vivência e aprendizagem**. Vol. II. 2006.
7. CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. Tradução Magda Lopes, consultoria, supervisão e revisão técnica desta edição Dirceu da Silva. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
8. FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**, São Paulo, Paz e Terra, 2010.
9. FREIRE, Paulo. **Conscientização**. São Paulo: Cortez e Moraes, 1979.

10. FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 23. ed. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1970
11. FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. 18. ed., Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1976.
12. HADDAD, Sérgio. **Novos Caminhos em Educação de Jovens e Adultos – EJA**. São Paulo: Global, 2007.
13. IBGE. **Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua**. Tecnologia da Informação e Comunicação (Pnad Contínua TIC). 2020. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101705_informativo.pdf>. Acesso em: 26 dez. 2022.
14. INEP. **Censo escolar 2019: notas estatísticas**. Brasília/DF, 2020. Disponível em: <http://portal.inep.gov.br/documents/186968/0/Notas+Estat%C3%ADsticas+-+Censo+da+Educa%C3%A7%C3%A3o+B%C3%A1sica+2019/43bf4c5b-b478-4c5d-ae17-7d55ced4c37d?version=1.0>. Acesso em: 26 dez. 2022.
15. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.). **Pesquisa Social**. Teoria, método e criatividade. 18 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.
16. PEREIRA, Fabíola Andrade. **Educação de pessoas idosas: um estudo de caso da universidade da maturidade no Tocantins**. Dissertação de mestrado – Universidade Federal da Paraíba – UFPB João Pessoa 2016.
17. ZABALA, Antoni. **A prática Educativa: como ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 1998.